

A animação como ferramenta pedagógica

Cláudia Roseiro, António Salavessa, António Valente

1. Pedagogia, Conformação e Transgressão

Entendendo a Pedagogia como a “arte da educação e do ensino” então o desafio é o de abordar a animação como instrumento para educar e ensinar. Mas o desafio coloca, desde logo, algumas questões prévias: Ensinar o quê? Ensinar sob que perspectiva? Educar em que sentido?

O problema é que não existe uma pedagogia neutra. Ela parte sempre de uma determinada concepção de vida, seja ela a do “educador” ou, o que é mais frequente, a de quem fixa os objectivos e o programa da educação. Assim sendo a pedagogia tende, em geral, a disciplinar e conformar de acordo com as regras e valores dominantes de um qualquer grupo social.

Tomemos o exemplo Disney. Grande parte da actividade dos estúdios é dedicada à produção de histórias com “lições morais”, as quais ao mesmo tempo que criam momentos de sonho e de fuga, vão reafirmando os valores sociais dominantes nos EUA. Isto acontece tanto em vida Walt Disney (Bela Adormecida, Bambi, Pinóquio, Peter Pan) como após a sua morte (A Pequena Sereia, A Bela e o Monstro, Aladino...).

Será isto educar bem? Provavelmente a maioria dos norte americanos dirá que sim.

Mas outros não deixarão de sublinhar que alguns destes filmes estão submergidos em propaganda nacionalista, mais ou menos subliminar, e em estereótipos xenófobos e racistas, que podem ter contribuído para a formação mental de milhões de pessoas em todo o mundo.

Em Pinóquio (1940), o boneco e os outros “bons da fita” falavam com acento americano enquanto os vilões tinham acento britânico ou italiano. E, já nos anos 80, em Aladino, os árabes são apresentados de forma muito negativa.

Poder-se-á afirmar que, com estes filmes, não é a pedagogia que está em causa e que eles apenas pretendem distrair ou divertir. No entanto existem sempre valores (ou anti-valores?) presentes na mais

inócua animação, nem que sejam apenas, por exemplo, valores estéticos.

Tomando, como exemplo “The Goner” e “The Dancing Letter”. Se existe uma intenção pedagógica directa, ela não foi, para nós, perceptível. Não captámos “mensagens” evidentes nesses filmes, ao contrário do que aconteceu com “Géraldine”. Mas quer um quer outro nos pareceram “contar histórias” com muita força, com destaque para a “descida aos infernos” da criança de “The Dancing Letter”.

Escrevemos acima que “a pedagogia tende, em geral, a disciplinar e conformar de acordo com as regras e valores dominantes de um qualquer grupo social”. Daqui decorre, por oposição, a ideia de “transgressão” ou seja, a abordagem que põe em causa aquelas *regras e valores dominantes*.

A animação pode ser (e é) pedagógica. Mas tanto pode ser conformada como transgressora. A transgressão, a ruptura, a inovação são condições necessárias para o progresso e, nalguns casos, para a afirmação do que há de melhor no ser humano.

Atente-se no exemplo de Hans Fischerkoesen, realizador alemão, que no auge do período nazi, em plena guerra, conseguiu realizar, na Alemanha, filmes de animação que eram subtis alegorias contra o regime nazi, suas práticas, normas estéticas e estereótipos. Filmes cujos animais/personagens eram pacíficos, amáveis, prazenteiros e altruístas – o contrário do que os nazis pretendiam dos seus cidadãos. Isto num tempo em que mesmo nos EUA a animação estava repleta de violência racista e sexista.

A transgressão (formal, estética ou de conteúdos) só pode ser entendida como tal no contexto em que é criada ou apresentada.

“Rings of Fire” não poderia ter sido produzido com o apoio do Vaticano mas, provavelmente, o National Film Board do Canadá já o poderia fazer. Dificilmente será visto no Canal Panda, mas já tem hipóteses de passar na SIC Radical.

2. De Volta à “Ferramenta Pedagógica”

A animação pode ser, e geralmente é, uma importante ferramenta pedagógica. Os seus resultados dependem da forma como a ferramenta é manipulada, de quem a manipula e para quê.

Penso que todos conhecemos muitos exemplos de utilização da animação com objectivos pedagógicos assumidos – desde a “Rua Sésamo”, com todas as formas de animação que utilizava, a séries como “Era uma Vez o Homem”, são inúmeros os exemplos de animação didáctica a que assistimos, via televisão.

O “Hamlet” que pudemos ver insere-se nesta perspectiva. O filme visa “dar a conhecer” a obra, privilegiando a narrativa, sendo a imagem utilizada de forma a sublinhar o drama, com uso parcimonioso da cor, apresentando um “reino da Dinamarca” quase sempre submerso na penumbra.

Mas a “função pedagógica” não acontece apenas nos filmes de animação que têm objectivos didácticos assumidos.

“Géraldine”, brincando com uma involuntária mudança de sexo, não deixa de fazer pensar (e de criticar) atitudes e comportamentos sexistas. Mesmo o deprimente “Rings of Fire” provoca reflexão sobre as relações de poder, sobre as desigualdades, sobre o amor.

E “The Dancing Letter”, com os seus efeitos especiais, suscitou-nos a vontade de visitar a pintura de Hyeronimus Bosh, cujo universo fantástico parece ser deliberadamente evocado no filme.

As potencialidades educativas da animação são enormes. Muitos estados e organizações internacionais investem enormes recursos no desenvolvimento deste filão. Mas esta realidade não se aplica a Portugal, onde projectos governamentais quase não existem e é reduzido o apoio à produção independente.

Mas será que toda a animação é ferramenta pedagógica?

Admitimos que a irreverência grosseira dos Simpsons possa fazer reflectir sobre os valores e quotidiano de segmentos importantes da sociedade norte-americana.

Mas será pedagogia a infelicidade quase masoquista do Coyote que renasce de acidente em acidente, sem que nunca consiga apanhar o Bip-Bip? Será pedagogia toda uma linha de filmes de animação, por vezes formalmente muito bem feitos, mas cujos personagens passam o tempo a agredir e a ser agredidos?

Será pedagógica toda a violência que brota da generalidade dos *manga*?

Será pedagógico um jogo de computador, que ainda ontem vimos nas notícias, chamado de “Limpeza Étnica”, cuja “animação” reside no simples facto de um personagem branco ir tirando a vida a todos os que sejam diferentes dele – árabes, hispânicos, judeus, negros?

Estes exemplos apenas sublinham o que dissemos no início. Não há uma pedagogia neutra, não há animação neutra. As mesmas técnicas, as mesmas ferramentas, podem ser utilizadas de forma contraditória. Transmitindo valores ou a sua negação.

A opção de “como fazer” pertence sempre ao autor.

E aos cidadãos deve pertencer, cada vez mais, a de gostar ou não gostar, a de aceitar ou rejeitar e, se for caso disso, a de aplaudir ou combater.

Filmografia referenciada:

- “The Goner” de Peter Kaboth, Alemanha, 1997;
- “Géraldine” de Arthur de Pins, França, 2000;
- “The Dancing Letter” de Julie Bille, Dinamarca, 2000;
- “Rings of Fire” de Andreas Hykade, Alemanha, 1999;
- “Hamlet” de Natalia Orlova, Reino Unido e Rússia, 1992;
- “Aladino”, produção Walt Disney Pictures, USA, 1992;
- “Pinóquio”, produção Walt Disney Pictures, USA, 1940;
- “Bela Adormecida”, produção Walt Disney Pictures, USA, 1959;
- “Bambi”, produção Walt Disney Pictures, USA, 1942;
- “Peter Pan”, produção Walt Disney Pictures, USA, 1953;
- “A Pequena Sereia”, produção Walt Disney Pictures, USA, 1989;
- “A Bela e o Monstro”, produção Walt Disney Pictures, USA, 1991;